

DA ESPERANÇA À LIBERDADE: OS ESPÍRITOS QUE NUNCA PUDERAM SER PRESOS

Avante! Não há outra maneira de começar a escrever sobre "A noite de 12 anos", filme uruguaio que retrata o encarceramento de três grandes Tupamaros, membros de uma guerrilha marxista que atuava antes da ditadura militar no país

A história

O longo metragem se passa entre 1973 e 1985, os duros anos de regime militar que o Uruguai viveu. O contexto era de guerra fria e as intervenções estadunidenses na América Latina foram uma forma de provar qualquer movimento da esquerda que surgisse. O filme retrata, entre tantos presos políticos, Mauricio Rosenzweig, Luciano Pujado e José Mujica em seus anos aprisionados. O filme se tornou presidente do Uruguai em 2010.

A aproximação

A primeira imagem projetada já possui uma intertextualidade clara com Michael Foucault: o vídeo 560' da prisão, mostrando aqueles que são observados, mas nunca, o observador. Essa cena exemplifica o panóptico proposto pelo filósofo pós-moderno. As escolas, prisões e hospitais são construídos dessa maneira para proporcionar a sensação constante de vigilância, levando em alguns casos, a locação. De um lado, claramente, o objetivo, é torturar, as agressões e as condições degradantes aguçam o telespectador, a ponto de gerar uma aversão ao filme. Tudo isso, acompanhado de uma paleta de cores frias e uma trilha sonora pesada, que fazem com que, muitas vezes, tenhamos que pausar o filme e nos distanciarmos.



Cena em primeira pessoa mostrando a grade e a cela de uma prisão (Imagem: Reprodução Netflix)

Não há como assistir e não sentir algo estranho, que ex chances de movimento catártico. É impossível não se colocar no lugar dos prisioneiros ao acompanhar a constante degradação física e psicológica daqueles que são agredidos e ofendidos constantemente. Não, não o filme, mas a energia escatológica: aqueles presos em desceitar as cenas de super, raios, necessidades fisiológicas, inclusive, o sentido que seja esse retrato tão explícito e real que torna a obra tão impactante para quem a assiste.

Para um filme tão chocante e antológico, em seu primeiro momento, sem falta de uma explicação inicial: quem eram aqueles? Se o telespectador não realizar uma pesquisa antes ou durante o filme, ele se perde. Por estarem presos, e deprimidos que eles sejam inimigos do governo, mas quem são os "oprimidos"? Há apenas um flashback, embora, mostrando uma atuação de grupo, mas não que pertence ao início. No entanto, ao terminar de assistir, percebeu que foi o "fantasma" que me tornou tão parecido com eles. Ao não se identificar claramente, não foi capaz de enxergá-los como guerrilheiros, mas como pessoas sendo torturadas, provocando ainda mais uma aproximação entre mim e eles.



Mujica, um dos revolucionários, encarando a ditadura militar (Imagem: Reprodução Netflix)

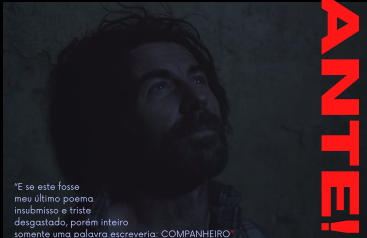
Uma das gradações mais belas e avulsas que acontece no filme são as medidas aliviadas. Eles estão presos, assim como nós, que só temos a visão da ditadura de dentro da cadeia. Não há como sabemos quando o regime vai acabar, queríamos na trama, torcemos a cada minuto para que aquele seja o último selado, mas não temos a certeza. No entanto, ao se aproximar do fim, as restrições parecem ter aliviadas. Quando encutamos a saída dos ditadores do poder e vemos a mudança para uma prisão mais "receptiva", realmente forceira um sentimento bom. Tendo essa visão íntima, é bom de pensar a queda do governo conjuntamente com a mudança de tratamento deles, com os selados aliviados e com respingos de esperança.

A loucura

O longa é repleto de cenas "confusas". Elas aparecem quando estamos adentrando o psicológico dos prisioneiros. A mentidão de pensamentos, o fluxo tão intenso e as ideias reais são tão pesados, que contrastam com o espaço vazio em que eles estão. Nessas cenas, é perceptível quanto enredadeira é a nossa mente: não há nada fisicamente presente, é apenas um quarto vazio, mas há um turbilhão de informações, lembranças e delírios na mente desses. Mujica entra em estado de loucura, já não sabe mais diferenciar o real do fantasioso e só deseja uma coisa: para de pensar. A agonia é tanta que ele não clama pelo fim da tortura ou da fome, ele pede a fim dele mesmo.

Acredito que esse seja o plano das prisões: desenvolver tanto o prisioneiro para que ele se esqueça de quem é.

Finalmente, isso não aconteceu, pois mesmo o beira da loucura, nenhum deles se rendeu ao governo, eles continuaram cativos de quem eram e pelo que lutavam, mesmo que isso levasse a exaustão de sua sanidade.



"E se este fosse meu último poema insubmisso e triste desgastado, porém inteiro somente uma palavra escreveria: COMPANHEIRO"

Mauricio Rosenzweig

Mujica, um dos revolucionários, observando os fogos de artifício de ano-novo da prisão (Imagem: Reprodução Netflix)

AVANTE!